

**CEP – Centro de Estudos Psicanalíticos**  
**Formação em Psicanálise**  
**Ciclo I**

Mariana Malvezzi

**Inconsciente, o som do silêncio**

05/2013

## The Sound Of Silence Simon & Garfunkel

Hello darkness, my old friend  
I've come to talk with you again  
Because a vision softly creeping  
Left its seeds while I was sleeping  
And the vision that was planted in my  
brain  
Still remains within the sound of silence

In restless dreams I walked alone  
Narrow streets of cobblestone  
'Neath the halo of a street lamp  
I turned my collar to the cold and damp

When my eyes were stabbed  
By the flash of a neon light  
That split the night  
And touched the sound of silence

And in the naked light I saw  
Ten thousand people, maybe more  
People talking without speaking  
People hearing without listening

People writing songs  
That voices never share  
And no one dare  
Disturb the sound of silence

"Fools" said I, "you do not know  
Silence like a cancer grows  
Hear my words that I might teach you  
Take my arms that I might reach to you"  
But my words like silent raindrops fell  
And echoed in the wells of silence

And the people bowed and prayed  
To the neon God they made  
And the sign flashed out it's warning  
And the words that it was forming

And the sign said  
"The words of the prophets  
Are written on the subway walls  
And tenement halls"  
And whispered in the sound of silence

Olá escuridão, minha velha amiga  
Vim conversar com você de novo  
Porque uma visão um pouco arrepiante  
Deixou sementes enquanto eu dormia  
E a visão que foi plantada em meu cérebro  
Ainda permanece dentro do som do silêncio

Em sonhos agitados eu caminhei só  
Em ruas estreitas de paralelepípedos  
Sob a luz das lâmpadas da rua  
Levantei minha lapela para me proteger do frio e  
umidade

Quando meus olhos foram apunhalados  
Pelo brilho de uma luz de néon  
Que rachou a noite  
E tocou o som do silêncio

E na luz nua eu vi  
Dez mil pessoas, talvez mais  
Pessoas conversando sem falar  
Pessoas ouvindo sem escutar

Pessoas escrevendo canções  
Que vozes jamais compartilharam  
E ninguém ousava  
Perturbar o som do silêncio

"Tolos" eu disse, "vocês não sabem  
Silêncio é como um câncer que cresce  
Ouçam as palavras que eu possa lhes ensinar  
Tomem os braços que eu possa lhes estender"  
Mas minhas palavras caíam como gotas silenciosas de  
chuva E ecoavam no poço do silêncio

E as pessoas curvavam-se e rezavam  
Ao Deus de néon que elas criaram  
E a placa f piscou o seu aviso  
Nas palavras que formava

E a placa dizia,  
"As palavras dos profetas  
Estão escritas nas paredes do metrô  
E nos corredores das casas"  
E sussurravam no som do silêncio

## **Inconsciente, o som do silêncio**

Falar sobre o inconsciente requer a disposição de pronunciar-se sobre algo impalpável e imaterial, tal como descrito como o “Som do silêncio” que Simon & Garfunkel majestosamente interpretam.

O inconsciente pode ser compreendido como um reservatório de energia, de pulsões, que armazena determinado conteúdo que não foi possibilitado pela censura a tornar-se pré-consciente/ consciente. Aqui nos referimos ao inconsciente dinâmico ou sistemático que estabelece uma força contrária ao tornar-se consciente e do fluir que a energia pulsional requer.

Também entendido como energia livre, o inconsciente é regido pelo princípio do prazer. Onde a busca por uma estabilidade, por um incessante equilíbrio na fuga do desprazer torna-se a tópica.

O objetivo deste trabalho é portanto compreender os principais preceitos que acompanham a compreensão do funcionamento e da lógica do inconsciente. Para tanto se utilizará a letra da música “The sound of silence” (O som do silêncio) de Simon & Garfunkel a título de ilustração deste objetivo.

Laplanche define o inconsciente como *“o conjunto dos conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência, isto num sentido 'descritivo' e não 'tópico', quer dizer, sem se fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e inconsciente”* (pg.235). Ou seja, no sentido descritivo é inconsciente tudo aquilo que não está na consciência, que não é ciente pelo indivíduo, sejam estes de natureza pré-consciente ou inconsciente. Já no sentido 'tópico', Laplanche define inconsciente como *“sendo constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalque”* (pg.235). Ou nas palavras do próprio Freud *“o ato psíquico é inconsciente e pertence ao sistema lcs; se, no teste, for rejeitado pela censura, não terá permissão para passar à segunda fase (pré-consciente); diz-se então que foi reprimido, devendo permanecer inconsciente”* (pg. 178). Isso significa dizer que no sentido tópico, pré-consciente e inconsciente se diferem enquanto a capacidade de acesso do sujeito ao conteúdo nestas instâncias armazenados, sendo que os conteúdos guardados na inconsciência não podem ser acessados pois foram rejeitados pela censura do eu ideal.

Sendo assim, o inconsciente, como um dos sistemas do aparelho psíquico traz consigo uma carga significativamente grande de energia pulsional sendo responsável por muitas das ações do sujeito. O inconsciente é portanto senhor, é soberano na constituição e vida do sujeito. É a *escuridão* que presente em nossa vida, é uma *velha amiga ao mesmo tempo conhecida e desconhecida*.

Pode-se definir o inconsciente como sendo possuidor de quatro principais características. São elas: a ausência de contradição, o funcionamento através de um processo primário, a atemporalidade e a substituição da realidade pela realidade psíquica.

A ausência de contradição caracteriza-se pela coexistência de afetos/ sentimentos contraditórios tal como o amor e o ódio. Como a *escuridão* que apesar de desconhecida, é referida por Simon & Garfunkel, como uma *velha amiga*. Como pode ser algo ao mesmo tempo conhecido e desconhecido? Na lógica inconsciente esta contradição é possível.

Já a segunda característica do inconsciente, o funcionamento através de um mecanismo primário, se refere a ausência de uma lógica racional. Onde as pessoas se curvam e rezam, *ao Deus de néon que elas criaram*, conotando uma falta de coerência. Ou melhor, a falta de uma sequência lógica e racional de funcionamento. Ou seja, no inconsciente a energia pulsional encontra-se livre para mobilizar-se e investir em uma lógica que foge a uma coerência pré-estabelecida.

O inconsciente possui como sua terceira característica, a atemporalidade, significando que seu conteúdo é associado por uma continuidade espaço-temporal em que passado e presente se sobrepõem. Tal como na música, onde os verbos (*conversar, caminhei, disse*) demonstram uma narrativa que se passa em muitos momentos históricos do sujeito que a música ilustra. A pulsão é portanto, ao mesmo tempo passado, presente e futuro.

A última característica do inconsciente, a substituição da realidade pela realidade psíquica, pode ser entendida como a substituição do desejo por um objeto real por outro objeto, porém fantasioso. O que é real e o que é fantasioso na música? Pode-se afirmar que a *luz, as canções e as pessoas* são elementos reais? Ou que na verdade representam, substituem um objeto real primário? Assim, os desejos e objetos constituintes do sujeito não necessariamente representam a si próprios mas sim funcionam como intermediários dos desejos pulsionais existentes no inconsciente.

Tendo como base o que nos refere a música, que ilustra este trabalho, cabe-nos a reflexão, sobre como ouvir o que não está sendo dito? Como portar-se diante de uma voz cujo timbre desconhecemos? Cujas linguagens nos são estranhas? E cujo funcionamento foge das nossas regras convencionais? Qual é afinal o som do silêncio?

Simon & Garfunkel, se referem a *pessoas conversando sem falar* e a *pessoas ouvindo sem escutar*. O silêncio neste sentido pode ser interpretado como o inconsciente cuja *fala* não está restrita ao falar e que pode ser ouvido de forma independente da escuta, no sentido fisiológico do termo. O inconsciente fala com o sujeito em um diálogo silencioso cujos elementos podem assumir diversas variantes e que muitas vezes parecem incompreensíveis e estranhos ao próprio sujeito.

Este constante diálogo do inconsciente com o sujeito pode ser reconhecido em diversos momentos do seu dia-a-dia, está no *corredor das casas* e nas *paredes no metro*, no decorrer de toda a sua vida. Mostrando-se presente através dos atos falhos, dos sonhos, dos chistes, das lembranças encobridoras e também dos sintomas.

Nestes casos, os mecanismos de condensação e deslocamento funcionam como

reguladores da estabilidade do aparelho psíquico. Isso significa dizer que estes mecanismos permitem que a energia pulsional represada (recalque) consiga realizar-se, dentro dos parâmetros e normas do princípio da realidade, em um formato, uma roupagem, aceita pelo eu ideal. Por exemplo, na música analisada neste trabalho quando Simon & Garfunkel se referem a *sonhos agitados eu caminhei só, em ruas estreitas de paralelepípedos, sob a luz das lâmpadas da rua, levantei minha lapela para me proteger do frio e umidade*, pode-se interpretar que na verdade as ruas estreitas de paralelepípedos onde o sujeito do sonho caminhava, na realidade representam o medo de abandono da mãe ou mesmo um desejo pulsional de ser achado, cuidado, olhado. Portanto, os mecanismos de condensação e deslocamento permitem que a pulsão ganhe fluidez com a descaracterização do seu objeto, de sua forma originária.

Especificamente a condensação responde por uma representação de vários representantes para um mesmo significado. Portanto este mecanismo se refere ao estabelecimento de diversos pontos de convergência para um mesmo significado. Já o deslocamento é entendido como a transformação do significado de uma representação em outra representação.

Assim, os chistes, sonhos, lembranças encobridoras e os sintomas podem ser considerados como válvulas de escape da energia represada no inconsciente. Neste caso, o conteúdo pulsional comprimido no inconsciente ganha tamanha força que transborda com o retorno do reprimido em formações substitutivas. Tal movimento ou substituição pode ser entendida de forma econômica ou simbólica. É econômica uma vez que acarreta em uma substituição de um desejo inconsciente e, é simbólica pois o conteúdo substituído foi determinado de acordo com as linhas associativas do sujeito.

Desta forma, através da breve explanação de alguns dos mecanismos reguladores da energia pulsional que circula dentro do aparelho psíquico, pode-se afirmar que as três instâncias do psiquismo, o inconsciente (objeto deste trabalho), o pré-consciente e o consciente, estão em constante busca por um equilíbrio. Cujas estabilidade é dependente da existência de um diálogo e portanto, da capacidade dos conteúdos pulsionais escoarem em um sentido/ formato aceito pela censura do eu ideal.

Neste diálogo, como em um movimento dialético, somos sujeitos e somos objetos. Constituímo-nos, assim em súditos e em subordinados, em atores e em espectadores de um teatro que não possui roteiro, não tem intervalos, nem tampouco um fenecimento.

Logo, compreender o diálogo a que nos propõe o inconsciente significa ser capaz de interpretar e destrinchar suas simbologias, seus caminhos, sua dialética. E tal como na música de Simon & Garfunkel, o inconsciente escreve *canções, que vozes jamais compartilharam*, ou seja, cuja compreensão desvia-se de uma análise superficial e descolada da capacidade de interpretação e associação do próprio sujeito.

Tal exercício, cuja complexidade foge dos objetivos deste trabalho pede por uma capacidade de compreensão das associações, ou dos códigos, estabelecidos pelo

sujeito para denominar e conseqüentemente gerir o equilíbrio e a busca pelo prazer do aparelho psíquico. Assim, os elementos referidos na música de Simon & Garfunkel tais como *paredes do metrô, luz de neon* podem ser compreendidos unicamente perante a lógica associativa do próprio sujeito narrador da música.

Entretanto, qualquer tentativa de compreensão e diálogo com o inconsciente será sempre parcial e recortada dada a complexidade deste fenômeno. Podemos inferir esta analogia, utilizando novamente a música, quando ela se refere as palavras que *caíam como gotas silenciosas de chuva, e ecoavam no poço do silêncio*. Tal fenômeno ocorre devido a grandeza do fenômeno inconsciente, que mesmo quando “desvendado”, no sentido de compreensão da ocorrência de determinado ato falho ou sonho, não deixa de ser apenas uma pequena descoberta, uma pequena *gota de chuva* que *ecoa* e que se perde na imensidão dos conteúdos pulsionais presentes no inconsciente.

Além disso, os conteúdos psíquicos são sempre revisitados a partir da inscrição social do sujeito (Hornstein, 2013). Ou seja não são atemporais e estáticos, uma vez que são constantemente reinscritos e reinterpretados a partir da percepção das vivências atuais. Súditos e subordinados, atores e espectadores são constantemente confrontados, em uma interlocução ao mesmo tempo conhecida e desconhecida, já experimentada ao mesmo tempo em que ignorada. Ou nas palavras de Simon & Garfunkel, *olá escuridão minha velha amiga, vim conversar com você de novo*.

Tendo em vista os objetivos e alcances deste trabalho, o inconsciente dá existência ao singular, cuja fala ocorre através do silêncio, do não dito, das sutilezas do existir. Assim, é necessário silenciar para escutar o silêncio. E, necessário *sussurrar no som do silêncio* se quisermos dialogar com o singular, com inconsciente.

## **Bibliografia**

- FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.  
Vol XII. Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise 1912)  
Vol. XIV. O inconsciente (1915)  
Vol XXII. As sutilezas de um ato falho (1935)
- HORNSTEIN, Luis. (notas da aula) **Palestra “Piera Aulagnier: suas questões fundamentais”**. Centro de Estudos Psicanalíticos, Maio, 2013.
- LAPLANCHE, Jean. & PONTALIS, J.B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.